



O HOMOSSEXUAL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

SINGULAR: incessante busca de padrões estabelecidos socialmente

Evandro Mamede Moreira Junior*
Carlos Vitor Esmeraldo Albuquerque Beserra**
Carlos Eduardo Soares Reis***

RESUMO

O texto discorre sobre o questionamento acerca da construção de identidade singular do homossexual, masculino e feminino, posto que essa identidade venha sendo construída através dos elementos subtraídos dos papéis heterossexuais socialmente aceitos. Indaga-se que a relação entre identidade social e identidade sexual não é tão nítida, como relatou Freud, mas, mesmo assim, observa-se a necessidade social em aprisionar tais valores para identificar os papéis sociais. Conclui-se que a possibilidade de construção de identidade singular torna-se pouco provável à medida que a sociedade, heterossexual por excelência, não amplia suas discussões sobre os sujeitos que a constroem.

Palavras-Chave: Identidade. Papéis sociais. Sexualidade.

ABSTRACT

The text discourses on the questioning concerning the construction of singular identity of the homosexual, feminine masculine and, rank that this identity comes being constructed through the elements deducted from the socially accepted papers and heterosexuals. It is inquired that the relation between social identity and sexual identity is not so clear, as told Freud, but, exactly thus, observes it a social necessity in imprisoning such values to identify the social papers. One concludes that the possibility of construction of a singular identity becomes little probable the measure that the society, heterosexual par excellence, does not extend its quarrels on the citizen that construct it.

Key words: Identity. Social Papers. Sexuality.

1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem como base reflexões sobre a formação da identidade homoafetiva que se constrói para uma afirmação no contexto social, seja, por excelência, identidade heterossexual, quase sempre fixada em padrões estanques, destituindo daquele que se desvia desta direção a afirmação de uma identidade própria, ou seja, entre outras, a do homossexual, seja masculino, seja feminino.

Pretende-se por meio deste texto, discorrer como essa construção é possibilitada para pessoas que são produtivas socialmente e refletem os padrões econômicos, sociais,

* Graduado em Psicologia pela PUC de Goiás, Especialista em Docência Superior e professor da Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: evandro-moreira@hotmail.com

**Discente do curso de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau/FAP – E-mail: carlosvitoranimes@hotmail.com

*** Bacharel em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau/FAP – E-mail: reis_phb@hotmail.com

culturais, religiosos e políticos de seu meio, mas, desviam-se, devido ao seu desejo sexual, de uma identidade normatizada e identificadora da compleição que lhe encerra.

Sabe-se que o homem é um ser social e, viver em sociedade, é a condição única e primeira para que se possam manter aspectos individuais e ligados aos instintos, sob vigilância. Assim, o homem se constitui um ser social ao revelar-se pertencente aos núcleos com os quais se identifica. Isto lhe faz senhor de um discurso que vem a satisfazer propósitos mais amplos, reconhecendo-se por intermédio dos outros e, também, propósitos mais particulares onde possa se revelar como sujeito de ação.

Vale ressaltar, neste contexto, a existência de um componente de suma importância para que esse discurso se sedimente, a saber, a sexualidade. Atrelado a isso, direcionam-se todos os elementos os quais compõem as referências que interessam para o funcionamento da sociedade onde os papéis sociais são a sua forma de expressão: o masculino e o feminino. Essa composição social que a partir do século XVII tomou forma, estruturando-se no vigor do século XVIII, baseia-se, sobretudo, na organização familiar a qual se mostra como a forma natural de organização entre os seres. Não cabem aqui outros discursos, pois eles irão apenas reforçar a sua condição de excludentes, desviantes e, por isso mesmo, antinatural.

As transformações societárias que vêm ocorrendo desde o século XX proporcionam àquele discurso uma maior elasticidade na relação “eu com o outro” e que, por isso mesmo, as possibilidades destes aspectos individuais terem maior relevância são reais. A organização familiar se reorganiza; os dizeres individuais se aprimoram; a sexualidade se revela; enfim, o ser se revela, supostamente, por inteiro. Contudo, acrescenta-se que esta visão, permeada de novos valores, onde os arranjos sociais se diversificam, não permite aos papéis sociais existentes a inclusão de novas formas de ser socialmente, enquanto elemento singular.

Atualmente, as investigações na linguística *queer* nos direcionam para a dimensão da transgressão dos papéis como possibilidade de discurso e, por isso mesmo, de presença real enquanto identidade. Sobre isso, Borba (2015, p. 95) comenta: “Esses questionamentos, em última análise, referem-se às limitações impostas por categorias sexuais estanques e hegemônicas, i.e. homem e mulher, que castram as potencialidades identitárias de alguns indivíduos que essas categorias não contemplam”.

Mas, além disso, o que se coloca aqui é a total ausência de construção de uma identidade singular, pois as referências apresentadas estão colocadas na ótica do outro, o

heterossexual, que encaminha as sexualidades ilegítimas para um lugar delimitado e excluído de outros contextos, como foi bem fundamentado por Foucault (1985).

Com isso, se coloca para reflexão e discussão, em um ambiente mais amplo, que personagens são estes que a sociedade constrói e, conseguinte, desconstrói? Onde se poderia buscar um delineamento próprio para a construção de tais papéis? Está este ser em busca de um papel social próprio? É pertinente essa construção? O que se teria de ganho real para a sociedade assimilar tal definição? Notadamente se reconhece que, pelo menos, a identidade constituída hoje, pelo homossexual, deixaria de ter tantos adereços constitutivos.

2 O SER E A ALTERIDADE SOCIAL: IDENTIDADE E INDEFINIÇÃO DE PAPÉIS

O ser humano, ser social que é, busca compor seu universo social por meio de elementos que assegurem uniformidade e constância na tentativa de, ao ser reconhecido pelo outro, possa então estabelecer relações duradouras e, por conseguinte, aprimorar o intelecto, o bem-estar físico, social, sexual, emocional, cultural e econômico. A esse processo de assimilação gradual em busca de padrões de estabilidade, não estáticos, no qual o reconhecimento pelo outro se dá como um todo se chama *identidade*.

Conforme Tajfel (1972, p. 62) *apud* Silva e Cerqueira-Santos (2014, p. 30) “a identidade social de uma pessoa se encontra relacionada com o conhecimento de sua filiação a certos grupos sociais e com a significância emocional e valorativa que resulta desta filiação”. Assim, a identidade leva à conceituação de formas de comportamento com a qual se avalia o nível de aceitação, tolerância ou exclusão do elemento no grupo.

Essas formas de comportamento, expressões da personalidade, são “construídas” devido à necessidade da sociedade em classificar os seus membros de maneira precisa, imprimindo assim um “rótulo”, o seu papel social, o qual pode vir estar diretamente ligado a sua sexualidade. Pois, conforme Rodrigues, Assmar e Jablonski (2014), é por meio da visão que se tem de si, atrelada a uma comparação com o outro, constitui-se então, a autoimagem.

Por sua vez, os papéis sociais são importantes e positivos, na medida em que se pode estabelecer um grau preciso e assim poder dar-lhes um significado para o ser social, ou seja, as amplitudes e limitações desse ser. Por outro lado, esse enquadramento do ser pode levá-lo a uma posição estática da qual não se serve à personalidade sadia para aperfeiçoar-se. Sendo assim, o que deveria servir como instrumento libertador, ao dar-lhe um modo de

expressão, passa a aprisioná-lo, num fechamento em limites estreitos, como se faz quando observa-se uma fotografia cuja posição nunca muda.

Então, no que concerne à sexualidade e à sociedade, é a partir de Freud (1989) que se tomou consciência de que a identidade social está ligada à identidade sexual, através da identificação da criança com um de seus genitores. O sexo passa a ser o fio condutor de todas as escolhas futuras do ser. A superação ou não de cada fase do desenvolvimento infantil, segundo Freud (1989), vai estabelecer uma genitalidade adulta e, por isso, um melhor relacionamento do eu com o mundo exterior.

A relação entre uma sexualidade satisfatória a partir do universo infantil e a possibilidade de se obter uma personalidade mais estável com papéis sociais definidos nos leva a discutir aqui a homossexualidade, não a partir de suas causas, e sim, diante de sua existência, a maneira como se permite sua expressão, ou seja, que papel lhe é devido na sociedade.

Portanto, para Freud (1973), a homossexualidade é consequência da inversão da identificação da criança com um de seus genitores quando ocorre a passagem pelo conflito edipiano, entretanto ressalta que a conexão entre instinto sexual e objeto sexual não seja tão estreita como se parece crer em indivíduos ditos normais.

Judd Marmor (1973) considera que os hormônios não são os fatores dominantes na escolha do objeto sexual e, retirando essa perspectiva biológica, a homossexualidade não é benquista em grande parte das culturas, por estar na “contra mão” dos valores impostos e considerados corretos. Aproximando-se dessa visão, Michel Bon e Antoine D’Arc (1979), relatam a homossexualidade enquanto escolha o que causa admiração devido ao seu caráter imprevisível, pois foge dos padrões sócios culturais aceitos pela maioria.

Discorrendo sobre o mesmo assunto, para Michel Foucault (2013), a homossexualidade formalizou-se quando observa, no século XIX, a necessidade de uma personificação desse ser sexualizado que passou a sofrer uma série de interferências de saberes e poderes. Dessa forma o autor afirma:

A homossexualidade apareceu como umas das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2013, p. 51).

Observa-se, diante dos estudos expostos acima que, embora as interpretações variem de bases orgânicas a emocionais, sempre o estudo da homossexualidade baseia-se no caráter desviante onde sua aceitação social não é plena.

O homossexual, nesse contexto, é considerado um ser marginal e assim como o “louco” só lhe é permitido falar através do seu sintoma, existindo um bloqueio inconsciente por parte do outro, que não permite uma manifestação autêntica do sujeito (MANNONI, 1971). Na maioria das vezes, também o homossexual só pode expressar-se através de comportamentos retirados do sexo que não lhe pertence, constituindo-se em um elemento ambíguo, fazendo com que seu comportamento se torne, então, sua caricatura, única forma de expressão aceita.

As sociedades atuais têm um padrão comportamental mais elástico e propagam a necessidade da igualdade entre sexos; observa-se, contudo, que a conduta humana prima em reforçar a ligação entre características sexuais e comportamento, isto é, o macho, o introdutor, a fêmea, a receptora, assim como seus sexos devem, eles, portarem-se de maneira que sobressaiam em seus comportamentos características ditas *masculinas* e características ditas *femininas*, respectivamente.

Esses padrões mantêm a nossa estrutura social e vão propiciar a preservação da espécie, a manutenção da família e a reprodução de uma gama de valores por ela estabelecidos. Assim, o homossexual, sem precisar que um padrão ou outro se sobressaia tão intensamente, possibilitado para assumir em suas relações sexuais, e em seu próprio corpo, tanto a *atividade* quanto a *passividade* sexual, constitui-se no grande ameaçador dessa estrutura, pois ao rejeitar a sua condição de reprodutor biológico, embutido aí a constituição familiar e seus valores decorrentes, torna-se “o doente”, insatisfeito quanto à sua condição e incapacitado quanto à preservação desses tais valores.

Ressalta-se que, à luz dessa dita indefinição, poder-se-ia fazer uma reavaliação das limitações impostas aos papéis sociais dos sexos. No entanto, o direcionamento para a heterossexualidade subtrai do conceito de saúde e normalidade, o homossexual (GOODWIN & GUZE, 1981. MELO, N. 1980). Esse organismo, dito doente, serve como referencial ao dito normal, para que este último não se desvie do seu padrão comportamental. Tem-se, por assim dizer, um parâmetro onde se define a sexualidade em *normal* e *anormal*.

Invertido aos olhos dos outros, amputado em sua capacidade de fruir, esse indivíduo mostra-se, pois, em luta consigo mesmo para que um dos papéis se evidencie. Caso esta evidência se dê em torno do sexo que não lhe pertence, transforma-se em um ser caricaturado, como se estivesse negando a identidade do seu sexo o qual não lhe comportava.

Assim, vê-se nele a imagem distorcida, uma “aberração genética e social”; esta não pode ser ouvida senão como representação grotesca, como caricatura *para e do* sistema. Caso respeite o papel designado para o seu sexo buscando assim fugir da rotulação que o subtrai como cidadão, impossibilitando-o, inclusive, de ocupar posições importantes dentro do sistema social, torna-se o omissor, o dissimulado, o não assumido em sua escolha.

Mas que escolha é essa se de um lado tem-se a sua caricatura e de outro a sua negação? Como pode esse ser masculinizado ou efeminado, inteligente ou não, de pele clara ou escura, mas homossexual, expressar-se diante de tão limitadas opções? Onde encontrar identidade própria posto que, moldado para exercer um padrão de comportamento, o rejeita, busca outro, mas não tem elementos suficientes (o sexo, por exemplo) que o identifiquem como tal?

Coloca-se aqui a seguinte afirmativa: os papéis assimilados pelos homossexuais não se constituem em um papel homossexual ou padrão de comportamento homossexual, e sim em tentativas desse homossexual enquanto elemento de um contexto, de ser enquadrado nele, que o rejeita. Denuncia-se que sua expressão, utilizando componentes do comportamento heterossexual para fazer-se integrante do meio social, é a barreira imposta ao exercício de sua construção.

Pode-se afirmar que existe uma nova conduta do homossexual como explica a Linguística *Queer*. Este, consciente de si, procura afirmar-se sem precisar buscar os estereótipos induzidos pela sociedade. Entretanto, percebe-se que esta reavaliação é em grande parte emprestada dos heterossexuais, pois os mesmos estão reformulando e/ou elastecendo os limites de suas condutas sem isto implicar em uma fala homossexual. Ou seja, o heterossexual no caminho da aceitação de componentes masculinos e femininos no seu ser assimila componentes exteriorizados até então somente por homossexuais e considerados não normais, os reproduz como integrantes do seu comportamento, mas exclui o homossexual como elemento participador do processo. Implica, outrossim, retirar dele a ação, a possibilidade de sua construção. Sua “nova” conduta reproduz, apenas, os ganhos permitidos pelo heterossexual, agora, como normais.

Inserido nesse sistema que lhe põe em xeque, esse ser, dissonante quanto à sua postura, onde lhe é negado a satisfação dos seus instintos sexuais, onde possa escolher livremente o seu objeto de amor e desejo, se equivale ao “louco”, passa a ser o “doente mental” (SZASZ, 1978), ainda que não precise, na maioria dos casos, ser isolado como aquele, mas igualmente passível de rotulação e correção, mostrando-se altamente resistente à

“reeducação”, ao “tratamento” proposto para firmar-se como participante do meio social, falando tão somente através do seu “sintoma”, sua “perversão”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, sugere-se nesta conclusão que essa identidade singular, ou melhor, essa possibilidade de identidade singular, fica entremeada de aspectos não nítidos para o sistema social. Com isso, o homossexual, ao se reconhecer senhor de seu discurso, nada mais faz do que acrescentar elementos de identidade do heterossexual, como própria.

Percebe-se que o maior impasse se inicia no momento de encarar o homossexual (masculino e feminino) como possuidor de uma existência social própria e diferente do grande contexto o qual é enquadrado. Ele, introduzindo-se na sociedade, como condição de aceitação ou não, é e deve ser apresentado pela sua orientação sexual. Isto o estigmatiza. A vigilância do sexo tão bem caracterizada nos textos de Foucault (2013) se expressa de forma violenta, pois aqui a dita perversão ganha moldes de avidez, sede e voracidade. Ele passa a ser a expressão do sexo.

Além disso, nada foi esclarecido sobre o desejo homossexual. De onde ele vem? A que veio? Por que ele se instala e como se permite expressá-lo? Há sempre o silêncio do discurso proibido. Ora, se o sexo é apenas um dos componentes da identidade, como subtrair este ser de suas demais características? Por isso, observa-se que o homossexual se referencia sempre nos papéis socialmente estabelecidos como carta de alforria e, inevitavelmente, termo de confissão. Assim, delinear a identidade pelo reforço de uma característica apenas, torna pouco provável sua construção singular.

REFERÊNCIAS

BON, M.; D’ARC, A. **Relatório sobre a homossexualidade masculina**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

BORBA, Rodrigo. Linguística *queer*; uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

FREUD, S. **A Teoria da sexualidade infantil**. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Freud. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** - Pequena Coleção das Obras de Freud. Livro 2 - Rio de Janeiro: Imago, 1973.

GOODWIN, Donald W.; GUZE, Samuel B. **Diagnóstico da Doença Mental**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1981.

MANNONI, M. **O Psiquiatra, “Seu Louco” e a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1971.

MARMOR, J. (org.). **A inversão sexual**: as múltiplas raízes da homossexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

MELO, N. **Psiquiatria**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1980.

RODRIGUES, A. ASSMAR, E. M. L. JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, B. B. CERQUEIRA-SANTOS, E. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. **Revista da SPAGESP**, v. 15, n. 2, p. 27-44, 2014.

SZASZ, T. S. **A Fabricação da Loucura**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.